



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE ALAGOAS – UNEAL
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO - PROGRAD
CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA – CLIND
LICENCIATURA EM LETRAS

MAYARA BEZERRA SANTOS

NARRATIVAS ORAIS DO POVO KATOKINN: MEMÓRIAS ANCESTRAIS

Pariconha - AL

2025

MAYARA BEZERRA SANTOS

NARRATIVAS ORAIS DO POVO KATOKINN: MEMÓRIAS ANCESTRAIS

Trabalho de conclusão de curso, no formato Artigo, apresentado ao Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Estadual de Alagoas, como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Letras.

Orientador: Prof. Me. Joel Vieira da Silva Filho

Pariconha - AL

2025

MAYARA BEZERRA SANTOS

**NARRATIVAS ORAIS DO POVO KATOKINN: MEMÓRIAS
ANCESTRAIS**

Artigo apresentado como requisito para a obtenção do grau de Licenciado em Letras e suas literaturas, através do curso de Licenciatura Intercultural Indígena de Alagoas – CLIND, da Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL.

BANCA EXAMINADORA

Aprovado em: 29/03/2025



Documento assinado digitalmente
JOEL VIEIRA DA SILVA FILHO
Data: 02/05/2025 11:15:06-0300
verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Me. Joel Vieira da Silva Filho (Orientador/Presidente da Banca)



Documento assinado digitalmente
ARENATO DA SILVA SANTOS
Data: 03/05/2025 13:53:40-0300
verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Me. Arenato da Silva Santos (1º avaliador)



Documento assinado digitalmente
IRACI NOBRE DA SILVA
Data: 09/05/2025 16:12:33-0300
verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profa. Dra. Iraci Nobre da Silva (2º Avaliador)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus e à força encantada, por guiarem meu caminho e iluminarem minha jornada até aqui.

Ao meu orientador, Joel Vieira, pela paciência, orientação e contribuição indispensável para a realização deste trabalho.

À coordenação do CLIND, na pessoa de Adelson Lopes e Iraci Nobre, pelo apoio e incentivo durante essa caminhada acadêmica.

Aos meus pais, Regivaldo e Gicélia, que, mesmo sem terem tido a oportunidade de estudar, acreditam que o maior legado que podem deixar para os filhos é o valor dos estudos. Sua força e sacrifício foram fundamentais para que eu chegasse até aqui.

Aos meus irmãos, Mayane e João Marcelo, por abraçarem comigo esta causa e não permitirem que eu desanimasse diante dos desafios.

À minha tia Gilvaneide, que contribuiu imensamente para que eu chegasse à linha de chegada, cuidando com tanto carinho do meu pequeno, Yuri, e suprimo minha ausência nos momentos necessários.

Aos meus filhos, Arthur Vinícius e Yuri Gabriel, que são meu combustível diário. Vocês me dão a força necessária para buscar novos horizontes e nunca desistir dos meus sonhos.

A todos, minha eterna gratidão.

*Parece que foi ontem.
É que ficou guardado em minha memória como se fosse uma tatuagem.
Tem até cheiro de saudade.
Quase impossível não lembrar.
Vem como se fosse uma imagem: o céu cheio de estrelas.
Grandes e pequenas, fortes e fracas. Algumas piscam
Lembrando o passado, outras estão apenas lá como a nos
Lembrar do futuro.
(Daniel Munduruku)*

RESUMO

O presente artigo aborda o papel das tradições orais na preservação da cultura, história e identidade do povo Katokinn. Por meio de uma abordagem qualitativa, a partir de entrevistas e análises das narrativas compartilhadas pelo cacique Daniel Soares e por Maria Neide, a pesquisa destaca como essas narrativas fazem parte de um legado vivo, através de gerações, transmitindo conhecimentos e valores para a comunidade Katokinn, diante de desafios sociais e históricos. Enfatiza-se, também, a importância de valorizar e reconhecer essas tradições. Os resultados deste estudo demonstraram que as memórias ancestrais contidas nas narrativas Katokinn constituem um patrimônio indispensável tanto para a própria comunidade, quanto para a sociedade em geral. Além disso, promovem reflexões sobre a importância dos anciões e como essas narrativas devem ser preservadas na comunidade. Este trabalho contribuiu para o fortalecimento de vínculo entre mim e minha comunidade, para a importância da preservação cultural e para o fortalecimento da continuidade às memórias dos nossos anciões, além de incentivar novas pesquisas sobre os saberes indígenas, mostrando o quanto a história e a cultura Katokinn é rica.

Palavras-chave: Narrativas orais; povo Katokinn; memórias ancestrais; preservação cultural.

ABSTRACT

The present article addresses the role of oral traditions in preserving the culture, history, and identity of the Katokinn people. Through a qualitative approach, based on interviews and analyses of the narratives shared by Chief Daniel Soares and Maria Neide, the research highlights how these narratives are part of a living legacy passed down through generations, transmitting knowledge and values to the Katokinn community amid social and historical challenges. The study also emphasizes the importance of valuing and recognizing these traditions. The results of this study demonstrated that the ancestral memories contained in Katokinn narratives constitute an essential heritage for both the community itself and society at large. Furthermore, they promote reflections on the importance of elders and how these narratives should be preserved within the community. This work contributed to strengthening the bond between myself and my community, emphasizing the importance of cultural preservation and continuity of the elders' memories, as well as encouraging further research on Indigenous knowledge, showcasing the richness of Katokinn history and culture.

Keywords: Oral narratives; Katokinn people; ancestral memories; cultural preservation.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 NARRATIVAS ORAIS: DISCUSSÕES TEÓRICAS.....	11
3 SOBRE AS NARRATIVAS ORAIS DO POVO KATOKINN	14
4 CONSIDERAÇÕES.....	18
REFERÊNCIAS.....	19

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho nasceu do desejo de estudar as histórias contadas entre o meu povo Katokinn, e de encontrar mais uma vez os contadores e as contadoras, que muito sabem das narrativas orais desse povo. Histórias como a do “Nego d’água”, um negro forte e sorridente que atraía pessoas para junto dele no fundo do açude, e “A cobra do açude” que criou uma criança dentro das águas, são relatos que ouvia durante a minha infância, mas que nunca me silenciaram, sempre que vem à lembrança, me fazem voltar a esse período da minha vida. No entanto, só na graduação fui movida a lembrar tais histórias, reforçando os laços entre mim e minha comunidade.

Ao ouvir a história do “Nego d’água” e “A cobra do açude” que criou uma criança no açude, passei a entender que o desejo de ouvir histórias ainda existia dentro de mim, porque ouvir e contar são ações que movem a cultura e o nosso imaginário. Assim, nesta pesquisa, objetivo discutir o que são narrativas orais e suas influências na Literatura Indígena, para, em seguida, apresentar as narrativas orais que ouvi com os anciões da Aldeia Katokinn analisando e destacando como a memória do narrar marca essas textualidades.

Sendo assim, a Aldeia Katokinn, nome dado à comunidade pela cacique Nina (*in memoriam*), através de um sonho com os encantados, está localizada no Alto da Boa Vista, Rua Juvino Henrique da Silva, no município de Pariconha, Alagoas. Sob a liderança do cacique Daniel Soares, a aldeia abriga aproximadamente 392 famílias. Após várias lutas, o povo Katokinn possui uma escola e um polo base, mas a comunidade continua lutando pelo reconhecimento de seus direitos e pela preservação de sua cultura.

Desta forma, as narrativas orais são fundamentais para contar às novas gerações a história do povo Katokinn, pois quando se conta uma história, não apenas se transmite o que se sabe, mas se compartilha a sabedoria das experiências vividas. A curiosidade despertada ao ouvir os relatos gera perguntas como: Onde aconteceu? Quando? Como? As histórias se entrelaçam com o visto, o ouvido e o vivido, e a mente viaja junto ao contador, que transmite não apenas o que ouviu de seus antepassados, mas também o que vivenciou e aprendeu.

Daniel Munduruku, importante professor e ativista indígena, traz, em seu livro *Parece que foi ontem*, um trecho que chama bastante atenção ao pontuar:

Parece que foi ontem, mas muitos anos se passaram. Fico pensando nestas e em outras muitas passagens, quando me sinto só no mundo. Saudades de casa, dos avós. Os velhos são sábios. Sábios não por que ensinam através das palavras, mas por que

sabem silenciar e no silêncio mora a sabedoria. Os velhos sempre nos trazem o novo que é sempre velho, antigo, pois está escrito na natureza (Munduruku, 2006, p. 11).

A partir do que o autor destaca, compreendemos a sabedoria dos anciões e sua importância dentro da comunidade, pois até o silêncio nos traz reflexões. Os mais velhos trazem consigo ensinamentos, que mesmo antigos, são novos, uma vez que são essenciais, mostrando-nos a sabedoria ancestral. O antigo faz parte do ciclo da vida, carrega riqueza e a essência da existência. Dessa maneira, os nossos velhos, que possuem uma passagem carregada de ensinamentos para as novas e futuras gerações, trazem lições que ensinam muito sobre o presente e o futuro.

Na comunidade, muitas pessoas conhecem essas narrativas orais, e é crucial preservar essas histórias para que a memória não se perca. Para compor este estudo, uma pessoa importante nesse processo, e que foi entrevistada, é Maria Neide – entrevistada em 13 de janeiro de 2025 – que compartilha histórias contadas pelo seu pai, pajé seu Avelino (*in memoriam*), figura de grande importância na aldeia. Além disso, em 17 de novembro de 2024, foi entrevistado também o cacique Daniel Soares, jovem que aos 27 anos se destaca como uma liderança comprometida na aldeia Katokinn, um território rico de histórias e memórias ancestrais. As entrevistas foram realizadas nas casas dos participantes, no qual ela e ele me contaram as narrativas, gravei o áudio e depois transcrevi

Assim, esta pesquisa se propõe a ajudar na preservação das narrativas orais do povo Katokinn. Além disso, pretende-se desconstruir a ideia de que narrativas indígenas são folclore, uma visão comum em nossa sociedade, e construir um material escrito que possa ser utilizado nas escolas, inserindo essas narrativas de forma concreta no currículo educacional.

2 NARRATIVAS ORAIS: DISCUSSÕES TEÓRICAS

As narrativas orais são histórias que nasceram e vivem no bojo da oralidade. Os povos indígenas vivem e partilham da oralidade desde tempos imemoriais. É possível entender que as narrativas orais estão, também, inseridas no conceito de Literatura. Embora a ideia de literatura ainda tenha muito poder na concepção de letra, de palavra escrita, as narrativas orais também se manifestam sob uma estética literária. Assim, se a Literatura é a arte da palavra, que também utiliza a realidade como meio para criar a ficção, as narrativas orais indígenas revelam a possibilidade de ficcionalizar para ensinar, orientar e manter viva a cultura.

Lembremos do crítico literário Antônio Cândido, ao dizer que:

A literatura é uma necessidade universal imperiosa, e usufruí-la é um direito das pessoas de qualquer sociedade, desde o índio que canta as suas proezas de caça ou evoca dançando a lua cheia, até o mais requintado erudito que procura captar com sábias redes os sentidos flutuantes de um poema hermético (Cândido, 2011, p. 18).

Nesse sentido, observamos que a literatura vem sendo lapidada ao decorrer do tempo, ampliando suas noções e abrangendo vários contextos e gêneros literários. Diante disso, ela possui um papel social importante em diversos aspectos da sociedade, do homem e suas ações, provocando, assim, sensações e reflexões que despertam o interesse do leitor. Dentro desse contexto literário, a literatura de autoria indígena é uma forma de resistência para afirmar e reafirmar que os povos indígenas também produzem literatura, seja oral ou escrita. A literatura indígena é uma maneira do povo indígena expressar suas histórias, lutas, perdas, dores e memórias; uma forma de gritar sua existência e seu reconhecimento. Nesse contexto, a autora indígena Eliane Potiguara elenca, em entrevista à rádio da Universidade Federal de Minas Gerais:

O termo literatura indígena foi criado estrategicamente como uma forma de valorizar a cultura indígena, as histórias, as lendas, a ancestralidade. Uma maneira encontrada de lutar e resistir, para tirar da invisibilidade não apenas os povos indígenas, mas toda a sua produção cultural (Potiguara, 2018).

Assim, os textos de autoria indígena transmitem as narrativas cosmológicas e de visões de mundo das etnias, a ligação entre o ser humano e a mãe natureza como algo único, a ancestralidade e a sua simbologia. A escrita literária indígena é um fenômeno recente, datada dos anos 1990. Contudo, a literatura indígena nasce na oralidade, nas contações partilhadas em diferentes povos, com narrativas sobre diversas questões.

Ao falarmos de narrativas orais, pensa-se logo em histórias familiares, nas tradições que passam de geração em geração através de vozes narrativas. Faz-nos lembrar que antes de nós, contar histórias era uma ação cotidiana comum, em que alguns dos nossos antepassados repassavam seus ensinamentos e lições de vida.

Deste modo, ao contar uma história, se compartilha a sabedoria das experiências vividas, e quem vivenciou essas experiências tem o que transmitir. Ao se ouvir uma história recebe-se um ensinamento, uma lição para a vida. Dessa maneira, uma narrativa bem contada fica gravada por longos anos na memória de quem a ouviu; o contar não se dá apenas pela vontade, mas pelo desejo de explicar o inexplicável e descrever o indescritível.

Isso está atrelado ao que Barthes (2018) discute sobre as narrativas, uma vez que estão presentes em quase todas as instâncias da vida:

Inumeráveis são as narrativas do mundo [...] A narrativa pode ser sustentada pela linguagem articulada, oral ou escrita, pela imagem, fixa ou móvel, pelo gosto ou pela mistura ordenada de todas estas substâncias. Está presente no mito, na lenda, na fábula, no conto na novela, na epopeia, na história, na tragédia, no drama, na comédia, na pantamurra, na pintura, no cinema, nas histórias em quadrinhos, no Fort drives, na conversação (Barthes, 2008, p.19).

Barthes vê a narrativa como uma ligação entre o ser humano e a própria arte de contar histórias, não há povo algum sem narrativas, todos os povos tem suas histórias a serem contadas. Somos autores da nossa própria história, com ela carregamos nossas memórias, estas que já vivenciamos ou que alguns de nossos antepassados viveram e que nos transmitiram.

Outra questão importante a ser destacada é sobre a memória, que não serve apenas para guardar informações, mas para reconstruir experiências passadas, uma maneira encontrada para a sociedade pensar em si e em sua relação com o passado. A respeito disso, Munduruku (2000) disserta:

As sociedades tradicionais são filhas da memória, e a memória é a base do equilíbrio das tradições. A memória liga os fatos entre si e proporciona a compreensão do todo. Para compreender a sociedade tradicional indígena é preciso entender a vida (Munduruku, 2006, p. 32).

A fala do autor ressalta a importância da memória como fundamento das sociedades tradicionais, sendo ela a responsável por preservar as tradições e manter o equilíbrio cultural. A memória conecta os acontecimentos, permitindo uma compreensão mais ampla e integrada do contexto histórico e social. No caso das sociedades indígenas, compreender a vida dessas comunidades implica entender a centralidade da memória em sua organização social, pois é por

meio dela que os saberes ancestrais, as histórias e os valores são transmitidos e perpetuados ao longo das gerações.

A memória pode, assim, ser representada pelas lembranças, que não se resumem a algo que vivemos, mas assegura o presente. Nessa direção, a pesquisadora Maria Inês de Almeida destaca a importância das narrativas orais para a preservação da memória coletiva e da identidade cultural de uma sociedade. A autora sugere que, através da oralidade, histórias, tradições, valores e crenças são transmitidos de uma geração para outra: “as narrativas orais são formas de perpetuação da memória coletiva e da identidade cultural, transmitidas de geração em geração, carregando consigo valores, crenças e histórias de um povo” (Almeida, 2006, p. 45).

Isso reforça a ideia de que a oralidade não é apenas uma forma de contar histórias, mas um instrumento essencial para a preservação da cultura e da identidade de um povo, funcionando como uma conexão essencial entre o passado e o presente.

Deste modo, narrativas orais são histórias transmitidas de boca em boca, e que fazem parte da tradição cultural de diversas comunidades, incluindo também a do povo Katokinn. São narrativas que envolvem mitos, fábulas, histórias e contos de sabedoria, que abordam desde a criação do mundo até o cotidiano de vida das pessoas. Essas narrativas possuem características próprias, como a repetição de elementos, a oralidade expressiva e a presença de elementos simbólicos e representativos. Assim, elas não só informam, também educam, constroem e instruem laços comunitários.

As narrativas orais preservam e transmitem explicações sobre a origem do universo, as relações entre seres humanos e a natureza, além de crenças espirituais e religiosas, garantindo a continuidade de uma visão de mundo específica. Por meio de histórias, mitos e lendas, são ensinados valores éticos e comportamentos desejáveis, moldando o caráter e as práticas das gerações futuras. A oralidade assegura que as tradições, conhecimentos ancestrais e práticas culturais sejam mantidos vivos e adaptados ao longo do tempo, resistindo a mudanças externas.

3 SOBRE AS NARRATIVAS ORAIS DO POVO KATOKINN

Relembrar as histórias contadas por meu povo é poder viajar até a minha infância, quando minha mãe e minha avó as contavam e nos faziam passar o dia todo ouvindo. Nesse contexto, a narrativa que apresentamos é contada e recontada pelo Cacique da Aldeia Katokinn, Daniel Soares, jovem que aos 27 anos se destaca como uma liderança comprometida na aldeia Katokinn, um território rico de histórias e memórias ancestrais. Ele é neto de Juvino Henrique (*in memoriam*), uma pessoa influente e respeitada entre os Katokinn, que dedicou sua vida à preservação das tradições e à resistência de seu povo. Através da narrativa “A cobra do Açude”, do cacique Daniel, foi me permitido reviver isso, voltar no tempo.

Na narrativa, vemos a presença do encanto como costume de proteção. A presença indígena se dá pelas personagens, que se desenrolam num processo de gravidez. A cobra, aparece como animal sagrado. Enquanto o espaço é o açude da comunidade, espaço conhecido por todos Katokinn. A narrativa diz o seguinte:

A COBRA DO AÇUDE

Nos tempos antigos, quando estava acontecendo a construção do paredão do açude, meu avô contava histórias da nossa comunidade. Certo tempo, uma moça teve contato com uma pessoa, um homem, e, nesse caso, surgiu um relacionamento entre os dois, que a família não aceitava. Mas ela já era pretendente, já era de família.

A família tinha prometido ela para outra pessoa. Mesmo assim, ela gostava desse rapaz. E começaram a se encontrar às escondidas, fizeram vários encontros, sem a família saber. O tempo passou, e então ela apareceu grávida.

A família, para não perder a dignidade da filha, tendo em vista que ela já tinha sido prometida a outro rapaz, deixou ela guardada às escondidas durante um período de tempo, até a criança nascer. E quando a criança veio a nascer, a família queria, de um jeito ou de outro, despachar. Fizeram todo tipo de coisa para a criança morrer. Numa noite, a moça foi até o paredão do açude e deixou a criança na beirada da água, nas águas correntes.

Deixou a criança lá, sozinha. Então, a natureza, nossa natureza encantada, que perpetua o açude, os círculos de luz, viu a pequena criança. Uma criança é um anjo, um anjo que estava vindo para a terra e foi abandonado pela família. Mas a natureza encantada não queria que a criança viesse a passar por tamanho sofrimento.

Assim, os espíritos de luz foram pegar essa criança e a encantaram. Então, transformaram ela em uma cobra, que é um protetor do açude, um encantado.

Essa cobra tinha uma forma de dia, era uma cobra normal, e na parte da noite era uma pessoa: do meio para cima homem, com cabeça de cobra, do meio para baixo era uma cauda enorme. E ela percorria o açude, fazendo a proteção, e expulsando os pescadores, expulsando as pessoas que queriam fazer mal àquelas águas (narrado por Daniel Soares do Nascimento, 2024).

Essa história reflete uma das narrativas orais marcantes do povo Katokinn; apresenta uma conexão de memórias, mitos e elementos simbólicos que preservam a cultura e a espiritualidade do povo. O texto narrado oralmente, que envolve a transformação de uma

criança rejeitada em um ser encantado que assume a forma de uma cobra, carrega diversos significados, especialmente dentro da cosmovisão Katokinn.

De acordo com o antropólogo Paul G. Hiebert, “Cosmovisão é aquilo que as pessoas, em uma comunidade, presumem como realidade certa, são os mapas que elas têm da realidade e que utilizam para viver (Hiebert, 2023, p.20)”, logo, essa narrativa, como outras dentro da tradição oral Katokinn, não se limita a um simples conto, mas revela a maneira única como o povo enxerga e se relaciona com o mundo ao seu redor, abordando temas como a transformação, a espiritualidade e a renovação. A cosmovisão, portanto, é transmitida através dessas histórias, funcionando como um guia para a compreensão do universo e para o fortalecimento da identidade cultural do povo Katokinn.

Nesse sentido, a cobra, na narrativa, é mais que um animal, ela representa um protetor sagrado, um ser encantado com ligação direta com a natureza e aos encantados, espíritos que permeiam o universo espiritual do povo. A figura da cobra, que durante a noite assume uma forma híbrida entre humano e animal, reflete a dualidade entre o natural e o sobrenatural, a transformação e o equilíbrio entre o mundo material e o espiritual.

A respeito disso, como foi possível notar, “a tradição é repassada de geração em geração pela contação de histórias, assim, a oralidade constitui marca fundamental e caracterizadora dessas culturas e baliza a ancestralidade numa perspectiva de fortalecimento dos laços familiares e espirituais” (Melo; Costa, 2019). Ou seja, para os povos indígenas, a ancestralidade é um aspecto vital e vivo da cultura, e não algo relegado ao passado. A presença dos ancestrais está entrelaçada com as ações e decisões do presente, e sua influência continua a moldar as vidas das pessoas em muitas comunidades indígenas.

Assim, a cobra, como guardiã do açude regula o uso dos recursos naturais, protegendo o ambiente, que outrora pertenceu aos seus ancestrais, contra aqueles que o exploram de forma irresponsável ou gananciosa. Esse papel remete valores e respeito à natureza e à coletividade, fundamentais na visão de mundo do povo Katokinn. A história destaca a importância do consentimento do respeito aos limites impostos pelos espíritos, algo presente nas práticas e crenças da comunidade.

Ao contrário do que se pensa, as narrativas orais, como a da cobra guardiã do açude, não são apenas contos, elas servem como veículos de ensino e preservação cultural, contadas em sala de aula e em encontros com jovens da comunidade, essas histórias permitem que os jovens aprendam sobre sua história, seus valores e o respeito ao sagrado. Além disso, como mencionado pelo cacique Daniel Soares (2024) “essas memórias fortalecem os laços com o passado e reafirmam a cultura que ainda é vivenciada na comunidade”.

O abandono da criança e sua transformação em um ser encantado pode ser interpretado como uma metáfora sagrada para a resiliência do povo Katokinn. Essa narrativa, como tantas outras, demonstra que “toda lenda tem um pontinho de verdade” como afirmou o cacique Daniel (2024) em entrevista oral, pois reflete as vivências e os valores da nossa comunidade. A cobra encantada, ao mesmo tempo que simboliza proteção e espiritualidade, reafirma a ligação entre os Katokinn e seu território.

Além dessa narrativa, há também uma história contada por Maria Neide, que é uma das guardiãs das memórias e tradições do povo Katokinn, uma comunidade indígena profundamente conectada à sua ancestralidade e ao território que habita. Filha do saudoso cacique Seu Avelino (*in memoriam*), Maria Neide carrega em sua trajetória a sabedoria de transmitir os ensinamentos que recebeu de seu pai e de gerações passadas. Seu Avelino, conhecido por sua sabedoria e liderança, desempenhou um papel central na valorização das narrativas orais e na luta pelos direitos e pela identidade do povo Katokinn. Ele era um contador de histórias, um defensor das tradições e alguém que compreendia a importância de manter viva a memória coletiva de seu povo, sua filha aprendeu desde cedo o valor dessas histórias e a necessidade de serem compartilhadas. Logo, ela não é apenas uma narradora, mas também uma figura que conecta as memórias do passado às lutas do presente. Maria Neide é uma das vozes que mantém vivas as histórias de seu povo, como a do “Nego d’Água”, uma narrativa que reflete as relações do povo Katokinn com a natureza e o mundo espiritual.

A história do Nego d’Água é uma contação viva dentro da cultura do povo Katokinn, transmitida de geração em geração por meio da oralidade. Essa figura é um símbolo de conexão espiritual com a natureza e representa os mistérios que cercam as águas do açude. Essa narrativa reflete a relação entre os Katokinn e o seus encantos, além de abordar lições de vida e respeito:

NEGO D’AGUA

Desde criança meu pai contava a história do Nego d’água, que atraía as pessoas para o fundo do açude, principalmente aquelas que iam para jogar lixo e pescar mais do que deveriam.

Certo dia, os meninos foram tomar banho no açude e viram aquele homem forte e negro. Primeiro, iniciou-se um redemoinho no açude, em seguida, saiu da água aquele negrão.

Eles saíram correndo e ele os perseguiu. Quando os meninos olharam pra trás, ele estava dentro do açude, rindo deles. Os meninos chegaram em casa assustados, e eu perguntei o que tinha acontecido. Disseram que foram tomar banho no açude e, de repente, começou um redemoinho e um negrão forte subiu na água; no mesmo instante eles saíram assustados e correndo muito. E dizendo que o negro iria pegá-los.

São poucas pessoas que o veem, outros até dizem que ele não existe, mas vão lá no açude com chacotas, para ver o que acontece. Não são todos que o veem, mas que existe, existe.

O açude tem seus mistérios e encantos, dizia meu pai. (narrado Maria Neide Soares Nascimento, 60 anos).

No contexto do açude de Pariconha, o Nego d'Água é descrito como o guardião das águas e dos recursos naturais da região. Segundo as histórias contadas pelos mais velhos, ele vive nas profundezas do açude e aparece para proteger o equilíbrio da natureza e o modo de vida tradicional dos povos ribeirinhos e indígenas.

O Nego d'Água do açude de Pariconha é mais do que uma figura lendária; ele é um elo entre a espiritualidade, a natureza e a cultura do povo Katokinn. Suas histórias guardam ensinamentos fundamentais para a preservação ambiental e cultural, reforçando o valor das narrativas orais como patrimônio imaterial e ferramenta de resistência identitária.

Essa narrativa evidencia a conexão do povo indígena com a natureza e sua preservação, na medida em que o Nego d'Água atraía pessoas para o fundo açude a fim de puni-las por jogarem lixo na região e fazerem pescas excessivas, causando dano à vida no açude.

A marcação do sobrenome de Maria Neide e Daniel nas narrativas estudadas representa o papel de contadora e contador. No entanto, essas narrativas estão vivas na memória oral do povo Katokinn. Assim, não se pode dar a autoria a apenas um sujeito específico. A autoria do texto oral é de caráter coletivo, ou seja, é do povo Katokinn.

São histórias como essas que não deixaram silenciar a memória oral Katokinn e que precisam ser contadas e recontadas para nossos jovens e crianças para que não caiam no esquecimento. As lembranças são tão importantes que parecem recentes; são como grafismos que marcam, como bem destaca Daniel Munduruku: “Parece que foi ontem. É que ficou guardado em minha memória como se fosse uma tatuagem. Tem até cheiro de saudade. Quase impossível não lembrar. (Munduruku, 2006). Assim, essa memória traz saudade e é tão marcante que é impossível esquecer. Nos remete à importância de não deixar que nossas memórias vão embora junto com nossos anciões.

4 CONSIDERAÇÕES

Este estudo, intitulado “Narrativas orais do povo Katokinn: Memórias ancestrais”, buscou explorar a riqueza das tradições orais deste povo indígena, destacando seu papel como uma importante ferramenta de preservação cultural, histórica e identitária. A pesquisa revelou que as narrativas orais dos Katokinn, vão além do simples ato de contar histórias; elas funcionam como um legado que conecta gerações, resgatando memórias ancestrais e mantendo viva a essência de sua cultura.

Por meio da análise das narrativas, foi possível compreender que a oralidade desempenha um papel central na transmissão de valores, mitos, crenças e conhecimentos, perpetuando elementos fundamentais da cosmovisão Katokinn. Essa prática se apresenta como um espaço de resistência, no qual o povo reafirma sua identidade frente aos desafios da modernidade e às pressões externas que ameaçam sua cultura.

A pesquisa também destacou a importância de reconhecer, valorizar e registrar essas narrativas, especialmente em um contexto de marginalização histórica dos povos indígenas. Ao dar voz às memórias ancestrais dos Katokinn, este trabalho contribuiu para a valorização de seus saberes e para a construção de uma sociedade mais plural e respeitosa em relação às diferenças culturais. Apesar das limitações encontradas, como a dificuldade de acesso a determinadas narrativas e a complexidade da tradução de aspectos culturais para um contexto acadêmico, o trabalho cumpriu seu objetivo ao evidenciar a relevância das narrativas orais como um patrimônio imaterial.

Por fim, espera-se que este estudo inspire novas investigações que ampliem o conhecimento sobre o povo Katokinn e sobre outros povos indígenas, incentivando práticas de preservação e divulgação de suas culturas. A valorização das memórias ancestrais, sobretudo em tempos de rápidas transformações sociais, é essencial para garantir que as vozes dos povos originários sejam ouvidas e respeitadas no presente e no futuro.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Inês. **Na Captura da Voz: As edições da narrativa oral no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

BARTHES, Roland. **Introdução à análise estrutural da narrativa**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CANDIDO, Antonio. **O direito à Literatura**. In: Vários Escritos. 5º ed. Rio de Janeiro: Todavia, 2011.

HIEBERT, Paul G. **Transformando cosmovisões: uma visão integral sobre o evangelho, a cultura e o discipulado**. São Paulo: Editora Vida Nova.

MELO, Carlos Augusto de; COSTA, Helene Rosa da. Espiritualidade e ancestralidade indígenas em A cura da terra, de Eliane Potiguara. Verbo de Minas, Juiz de Fora, v. 20, n. 36, p. 31-47, ago./dez. 2019.

MUNDURUKU, Daniel. **Parece que foi ontem**. Global Editora, 2006.

NASCIMENTO, Daniel Soares do. **Entrevista concedida a Mayara Bezerra Santos**, em 17 nov. 2024.

NASCIMENTO, Maria Neide Soares do. **Entrevista concedida a Mayara Bezerra Santos**, em 13 jan. 2025.

POTIGUARA, Eliane. Entrevista sobre literatura indígena. **Programa da Rádio da Universidade Federal de Minas Gerais**. UFMG, Belo Horizonte, 2018.

ANEXOS